

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

DIFERENÇAS NA EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA ENTRE HOMENS E MULHERES

Emerson Ohara (Programa de Iniciação Científica, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá - PR, Brasil); Murilo dos Santos Moscheta (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá - PR, Brasil).

contato: emerson_ohara@hotmail.com

Palavras-chave: Estudos de gênero. Universidade. Educação.

A origem da categoria gênero está inserida em um contexto histórico e cultural caracterizado pela opressão exercida sobre as mulheres, principalmente na área familiar e do trabalho. Por volta da década de 1980, os movimentos feministas iniciaram pesquisas e produções acadêmicas que tinham como objetivo desconstruir o determinismo biológico que fundamentava uma diferenciação entre homens e mulheres (MÉLLO, 2012; SCOTT, 1995). Entretanto, na psicologia, a discussão sobre gênero iniciou-se a partir da década de 1970 com estudos que relacionavam as características masculinas e femininas com o sexo biológico (NUEMBERG, 2008).

A categoria sexo está fundada na determinação biológica, portanto, dada pela natureza, que define o masculino e o feminino a partir da diferenciação dos corpos. De acordo com esta visão, as diferenças nas genitálias demarcam quem é homem e quem é mulher. As justificativas biológicas, a naturalização dos corpos e suas características físicas portanto, indicam as posições sociais que cada um irá ocupar dentro de um grupo. Considerando o contexto cultural e as normas no qual estão inseridos os sujeitos, "o corpo se tornou causa e justificativa das diferenças" (LOURO, 2008, p. 77). As diferenças entre masculino e feminino

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

partem da naturalização para atribuir papéis sociais e características dadas culturalmente e que são reproduzidas por homens e mulheres.

Considera-se a diferenciação dos sexos um conceito essencialista, que irá atribuir características de virilidade e superioridade ao homem, enquanto que a mulher é submissa, dotada de sentimentos e fragilidades. Pressupõe-se que no conceito de sexo, há uma relação entre dominador e dominando que contribui para a manutenção de uma ordem social que dá créditos a dominação masculina, envolvendo questões culturais, econômicas e sexuais (CARLOTO, 2001).

Como desconstrução do conceito essencialista, a categoria gênero constitui-se numa categoria construída historicamente e culturalmente por meio das relações. Localizado num campo discursivo e histórico (NARVAZ & KOLLER, 2007), compreende-se gênero como uma construção social por meio dos discursos. Os discursos são meios para que as práticas disciplinares sejam concretizadas, compreendendo estas práticas como disciplinas normatizantes, como por exemplo, a medicina. Deste modo, o gênero é concebido como produção discursiva que se expressa em corpos, sendo o corpo um depositário de identidade e produção da subjetividade (MÉLLO, 2012).

Assim, categoria gênero permite apreender que as identidades e subjetividades são construídas historicamente e culturalmente e que homens e mulheres passaram por mudanças históricas e sociais, distinguindo-os nas posições sociais e privilégios. Contudo, a ênfase na diferenciação biológica entre masculino e feminino aliada às normas e valores, produzem desigualdades tanto na vida privada quanto na vida pública. Portanto, a determinação biológica "vai se transformar em desigualdade social e tomar uma aparência de naturalidade" (CARLOTO, 2001, p. 203).

A compreensão da categoria gênero e a naturalização dos corpos, possibilita que as desigualdades entre homens e mulheres sejam identificadas no âmbito da educação, respectivamente na área acadêmica. As experiências universitárias constituem-se de variáveis e circunstâncias que proporcionam diferentes formas de vivenciar a universidade e,

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

consequentemente, produzem desigualdades entre homens e mulheres.

A procura por um ensino superior tem aumentado e influenciado a vida de homens e mulheres. Conforme dados do Censo da Educação Superior apresentado no ano de 2009 pelo Inep (Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais), houve um crescimento no número de vagas em universidades públicas, confirmando a expansão do ensino superior. No ano de 2002, eram ofertadas 295.354 vagas; já no ano de 2008 o número de vagas era de 344.038 vagas (COSTA; BARBOSA; GOTO, 2011).

Nota-se que esta expansão tem sido presenciada na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Por meio da análise na Base de Dados da UEM, pode-se constatar que no ano de 2000, 36 cursos eram oferecidos, com um número de 10.036 alunos matriculados. No ano de 2013, o número de cursos aumentou para 68 e o número de alunos matriculados para 17.505.

Considerando que homens e mulheres vivenciam diferentes lugares sociais e que portanto estão submetidos a diferentes condições de vida que impactam de modo distinto suas possibilidades de ingressar e permanecer em um curso universitário, o objetivo desta pesquisa é identificar os estressores de vida associados a reprovação e trancamentos do curso de alunos de graduação da UEM para homens e mulheres.

Para a análise dos estressores de vida, foi utilizado o banco de dados construído dentro do projeto de pesquisa "Perfil socioeconômico e cultural dos alunos da UEM", que pretende identificar o perfil do aluno e os indicadores para a formulação de políticas de assistência estudantil por meio de um questionário de 56 questões, numa amostra de 430 alunos. Portanto, trata-se de um estudo de natureza quantitativa, descritiva e correlacional sobre o impacto dos estressores de vida no desempenho acadêmico e as diferenças deste impacto entre homens e mulheres.

Na análise dos dados, verificou-se que 53,5% das mulheres estão matriculadas na UEM, superando os 46% da presença masculina. Sobre os estressores, constatou-se que na variável “adaptação a novas situações (moradia, separação da família, ...)” cerca de 21,6% das mulheres considerou este estressor como dificultador na vida acadêmica, contra 16,6% dos

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

homens; 25,4% das mulheres alegou que o relacionamento social/interpessoal interfere nos estudos, enquanto que 17,6% dos homens consideraram este estressor como impedimento na vida acadêmica. Em relação ao desempenho acadêmico, 29,3% dos homens alegaram a reprovação como resultado de dificuldades emocionais, contra 18% das mulheres; o “risco de ser jubilado/jubilamento em curso superior” apresentou 0,4% das mulheres contra 4% dos homens, ou seja, o índice é maior nos homens.

Considerando os estudos de gênero e os dados apresentados, foi possível identificar algumas características pertencentes ao conceito sexo e ao gênero. A presença na universidade de mulheres e o desempenho acadêmico, demonstram que está aumentando a quantidade de mulheres que procuram uma formação superior, superando assim o lugar que antes era determinado a elas: o espaço doméstico. Porém, a interferência da adaptação a novos contextos de vida e os relacionamentos sociais/interpessoais reforçam características que são concebidas como próprias das mulheres, sendo o sexo feminino dotado de sentimentos e os homens como sujeitos que não podem expressar sentimentos.

Neste sentido, a experiência universitária de homens e mulheres caminha em direção a uma desconstrução de desigualdades sociais, compreendendo que as mulheres estão tomando espaços que vão além dos espaços privados. Contudo, esta superação não está totalmente concretizada, uma vez que as mulheres intensificam determinadas características que lhe são dadas culturalmente. Portanto, no contexto acadêmico, está sendo expresso vivências articuladas entre o conceito de sexo e gênero.

Referências

CARLOTO, C. M. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais, **Serv. Soc. Rev.**, Londrina, v. 3, n. 2, p. 201-213, jan./jun. 2001.

COSTA, D. M.; BARBOSA, F. V.; GOTO, M. M. M. O novo fenômeno da expansão da educação superior no Brasil, **Revista Reuna**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 15-29, jan-abr. 2011.

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

LOURO, G. L. Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MÉLLO, R. P. Corpos, heteronormatividade e performances híbridadas, **Psicologia & Sociedade**, Fortaleza, v. 24, n. 1, p. 197-207, 2012.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. A marginalização dos estudos feministas e de gênero na psicologia acadêmica contemporânea, **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 3, pp. 216-223, set./dez. 2007.

NUEMBERG, A. H. Reflexões sobre gênero e psicologia no Brasil. In: LAGO, M. C. S. et al (Org.). Gênero e pesquisa em psicologia social. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 19-33.

SCOTT, J. W. “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

UEM, Universidade Estadual de Maringá – **Bases de dados 2014**. Maringá: UEM-ASP, 2014.